

biblioteca borges

coordenação editorial

davi arrigucci jr.

heloisa jahn

jorge schwartz

maria emília bender

ficções (1944)

jorge luis borges

tradução davi arrigucci jr.



COMPANHIA DAS LETRAS

pierre menard, autor do *quixote*

para Silvina Ocampo

A obra visível que deixou este romancista pode ser fácil e brevemente relacionada. São, portanto, imperdoáveis as omissões e adições perpetradas por madame Henri Bachelier num catálogo falaz que certo jornal, cuja tendência *protestante* não é nenhum segredo, teve a desconsideração de infligir a seus deploráveis leitores — se bem que estes sejam poucos e calvinistas, quando não maçons e circuncisos. Os amigos autênticos de Menard viram com alarme esse catálogo e mesmo com certa tristeza. Dir-se-ia que ainda ontem nos reunimos perante o mármore final, em meio aos ciprestes infaustos, e já o Erro trata de empanar-lhe a Memória... Decididamente, uma breve retificação faz-se inevitável.

Sei que é muito fácil recusar minha pobre autoridade. Espero, no entanto, que não me proibam mencionar dois altos testemunhos. A baronesa de Bacourt (em cujos *vendredis* inesquecíveis tive a honra de conhecer o pranteado poeta) houve por bem aprovar as linhas que seguem. A condessa de Bagnoregio, um dos espíritos mais finos do principado de Mônaco (e agora de Pittsburg, Pennsylvania, depois de suas recentes bodas com o filantropo internacional Simon Kautzsch, tão caluniado — ai! — pelas vítimas

de suas desinteressadas manobras), sacrificou “à veracidade e à morte” (são dela tais palavras) a senhoril reserva que a distingue e, numa carta aberta publicada na revista *Luxe*, igualmente me concede seu beneplácito. Esses títulos de nobreza não serão, creio, insuficientes.

Disse que a obra *visível* de Menard é facilmente relacionável. Tendo examinado com esmero seu arquivo particular, verifiquei que consta das seguintes peças:

- A Um soneto simbolista que apareceu duas vezes (com variantes) na revista *La conqu* (números de março e outubro de 1899).
- B Uma monografia sobre a possibilidade de formar um vocabulário poético de conceitos que não sejam sinônimos ou perífrases dos que constituem a linguagem corrente, “mas objetos ideais criados por uma convenção e essencialmente destinados às necessidades poéticas” (Nîmes, 1901).
- C Uma monografia sobre “certas conexões ou afinidades” do pensamento de Descartes, Leibniz e John Wilkins (Nîmes, 1903).
- D Uma monografia sobre a *Characteristica universalis* de Leibniz (Nîmes, 1904).
- E Um artigo técnico sobre a possibilidade de enriquecer o xadrez eliminando um dos peões de torre. Menard propõe, recomenda, discute e acaba por recusar essa inovação.
- F Uma monografia sobre a *Ars magna generalis* de Ramón Llull (Nîmes, 1906).
- G Uma tradução com prólogo e notas do *Libro de la invención liberal y arte del juego del ajedrez* de Ruy López de Segura (Paris, 1907).

- H Os rascunhos de uma monografia sobre a lógica simbólica de George Boole.
- I Um exame das leis métricas essenciais da prosa francesa, ilustrado com exemplos de Saint-Simon (*Revue des langues romanes*, Montpellier, outubro de 1909).
- J Uma réplica a Luc Durtain (que tinha negado a existência dessas leis), ilustrada com exemplos de Luc Durtain (*Revue des langues romanes*, Montpellier, dezembro de 1909).
- K Uma tradução manuscrita da *Aguja de navegar cultos* de Quevedo, intitulada *La boussole des précieux*.
- L Um prefácio ao catálogo da exposição de litografias de Carolus Hourcade (Nîmes, 1914).
- M A obra *Les problèmes d'un problème* (Paris, 1917), que discute em ordem cronológica as soluções do ilustre problema de Aquiles e a tartaruga. Duas edições deste livro apareceram até agora; a segunda traz como epígrafe o conselho de Leibniz “Ne craignez point, monsieur, la tortue”, e renova os capítulos dedicados a Russell e Descartes.
- N Uma obstinada análise dos “hábitos sintáticos” de Toulet (*N. R. F.*, março de 1921). Menard — recorde — declarava que censurar e elogiar são operações sentimentais que nada têm a ver com a crítica.
- O Uma transposição em alexandrinos do *Cimetière marin* de Paul Valéry (*N. R. F.*, janeiro de 1928).
- P Uma invectiva contra Paul Valéry, nas *Hojas para la su-presión de la realidad*, de Jacques Reboul. (Essa invectiva, diga-se entre parêntesis, é o reverso exato da verdadeira opinião dele sobre Valéry. Este assim a entendeu, e a velha amizade entre os dois não correu perigo.)

Q Uma “definição” da condessa de Bagnoregio, no “vitorioso volume” — a locução é de outro colaborador, Gabriele d’Annunzio — que essa dama publica, anualmente, para retificar os inevitáveis equívocos do jornalismo e apresentar “ao mundo e à Itália” uma efígie autêntica de sua pessoa, tão exposta (justamente em razão de sua beleza e atuação) a interpretações errôneas ou apressadas.

R Um ciclo de admiráveis sonetos para a baronesa de Bacourt (1934).

S Uma lista manuscrita de versos cuja eficácia se deve à pontuação.¹

Até aqui (sem outra omissão a não ser uns vagos sonetos circunstanciais para o hospitaleiro, o desejoso, álbum de madame Henri Bachelier), a obra *visível* de Menard, em ordem cronológica. Passo agora à outra: a subterrânea, a interminavelmente heróica, a sem-par. Também — pobres possibilidades humanas! — a inconclusa. Essa obra, talvez a mais significativa de nosso tempo, consta do capítulo IX e do xxxviii da primeira parte do *Dom Quixote* e de um fragmento do capítulo xxii. Sei que tal afirmação parece um disparate; justificar esse “disparate” é o objeto primordial desta nota.²

¹ Madame Henri Bachelier enumera igualmente uma versão literal da versão literal feita por Quevedo da *Introduction à la vie dévote* de são Francisco de Sales. Na biblioteca de Pierre Menard não há vestígios de tal obra. Deve tratar-se de uma brincadeira de nosso amigo, mal ouvida.

² Tive também o propósito secundário de esboçar a imagem de Pierre Menard. Mas como me atrever a competir com as páginas áureas que, conforme me dizem, prepara a baronesa de Bacourt ou com o lápis dedicado e pontual de Carolus Hourcade?

Dois textos de valor desigual inspiraram a empreitada. Um é o fragmento filológico de Novalis — o de número 2005 na edição de Dresden — que esboça o tema da *total identificação* com um autor determinado. O outro é um desses livros parasitários que situam Cristo num bulevar, Hamlet na Cannebière ou Dom Quixote em Wall Street. Como todo homem de bom gosto, Menard abominava esses carnavais inúteis, capazes somente — dizia — de ocasionar o prazer plebeu do anacronismo ou (o que é pior) de nos deleitar com a idéia primária de que todas as épocas são iguais ou diferentes. Mais interessante, embora de execução contraditória e superficial, parecia-lhe o famoso propósito de Daudet: conjugar *numa* só figura, que é Tartarin, o Engenhoso Fidalgo e seu escudeiro... Aqueles que insinuaram que Menard dedicou a vida a escrever um *Quixote* contemporâneo, caluniam sua límpida memória.

Ele não queria compor outro *Quixote* — o que seria fácil — mas *o Quixote*. Inútil acrescentar que nunca levou em conta uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem — palavra por palavra e linha por linha — com as de Miguel de Cervantes.

“Meu propósito é meramente assombroso”, escreveu-me de Bayonne, no dia 30 de setembro de 1934. “O termo final de uma demonstração teológica ou metafísica — o mundo exterior, Deus, a casualidade, as formas universais — não é menos anterior e comum que meu divulgado romance. A única diferença é que os filósofos publicam em agradáveis volumes as etapas intermediárias de seu trabalho e eu resolvi perdê-las.” Com efeito, não resta um só rascunho que testemunhe esse esforço de anos.

O método inicial que imaginou era relativamente singelo. Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra os turcos, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, *ser* Miguel de Cervantes. Pierre Menard estudou esse procedimento (sei que chegou a manejar com bastante fidelidade o espanhol do século XVII), mas não o descartou pela facilidade. Antes pela impossibilidade!, dirá o leitor. De acordo, mas a empreitada era de antemão impossível e, de todos os meios impossíveis para levá-la a termo, este era o menos interessante. Ser no século XX um romancista popular do século XVII pareceu-lhe uma diminuição. Ser, de alguma forma, Cervantes e chegar ao *Quixote* pareceu-lhe menos árduo — por conseguinte, menos interessante — que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao *Quixote* através das experiências de Pierre Menard. (Essa convicção, diga-se de passagem, levou-o a excluir o prólogo autobiográfico da segunda parte do *Dom Quixote*. Incluir esse prólogo teria sido criar outro personagem — Cervantes —, mas também teria significado apresentar o *Quixote* em função desse personagem e não de Menard. Este, naturalmente, negou-se a essa facilidade.) “Minha empresa não é difícil, essencialmente”, leio noutro trecho da carta. “Bastaria que eu fosse imortal para levá-la a cabo.” Confessarei que costumo imaginar que ele a terminou e que leio o *Quixote* — todo o *Quixote* — como se Menard o tivesse pensado? Noites atrás, ao folhear o capítulo XXVI — que ele nunca ensaiou —, reconheci o estilo de nosso amigo e como que a sua voz nesta frase excepcional: “as ninfas dos rios, a dolorosa e úmida Eco”. Essa conjunção eficaz de um adjetivo moral com

outro físico trouxe-me à memória um verso de Shakespeare que discutimos uma tarde:

Where a malignant and a turbaned Turk...

Por que precisamente o *Quixote*?, dirá nosso leitor. Essa preferência, num espanhol, não teria sido inexplicável; mas será, sem dúvida, num simbolista de Nîmes, devoto essencialmente de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Mallarmé, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste. A carta acima citada ilumina este ponto. “O *Quixote*”, esclarece Menard, “interessa-me profundamente, mas não me parece, como direi?, inevitável. Não posso imaginar o universo sem a interjeição de Poe:

Ah, bear in mind this garden was enchanted!

ou sem o *Bateau ivre* ou o *Ancient Mariner*; não obstante, sinto-me capaz de imaginá-lo sem o *Quixote*. (Falo, naturalmente, de minha capacidade pessoal, não da ressonância histórica das obras.) O *Quixote* é um livro contingente, o *Quixote* não é necessário. Posso premeditar sua escrita, posso escrevê-lo, sem incorrer numa tautologia. Aos doze ou treze anos eu o li, talvez integralmente. Depois reli com atenção alguns capítulos, aqueles que por ora não tentarei escrever. Percorri também os entremezes, as comédias, a *Galatéia*, as *Novelas exemplares*, os trabalhos sem dúvida penosos de *Persiles e Segismunda* e a *Viagem ao Parnaso*... Minha lembrança geral do *Quixote*, simplificada pelo esquecimento e pela indiferença, pode muito bem equivaler à imprecisão da imagem anterior de um livro

não escrito. Uma vez postulada essa imagem (que com toda a justiça ninguém pode me negar), é indiscutível que meu problema é bastante mais difícil que o de Cervantes. Meu complacente precursor não rejeitou a colaboração do acaso: ia compondo a obra imortal um pouco *à la diable*, levado pela inércia da linguagem e da invenção. Eu, de minha parte, assumi o misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea. Meu jogo solitário é governado por duas leis polares. A primeira permite-me ensaiar variantes de caráter formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-las ao texto ‘original’ e a considerar de um modo irrefutável essa aniquilação... A essas travas artificiais é preciso somar outra, congênita. Compor o *Quixote* em princípios do século XVII era uma empreitada razoável, necessária, quem sabe fatal; em princípios do século XX, é quase impossível. Trezentos séculos não transcorreram em vão, carregados como foram de complexíssimos fatos. Entre eles, para apenas mencionar um: o próprio *Quixote*.”

Apesar desses três obstáculos, o fragmentário *Quixote* de Menard é mais sutil que o de Cervantes. Este, de uma forma tosca, opõe as ficções cavaleirescas à pobre realidade provinciana de seu país; Menard escolhe como “realidade” a terra de Carmen durante o século de Lepanto e Lope. Que espanholadas essa escolha não teria sugerido a Maurice Barrès ou ao doutor Rodríguez Larreta! Menard, com toda a naturalidade, evita-as. Em sua obra não há cigânicos, nem conquistadores, nem místicos, nem Filipe II, nem autos-de-fé. Proscreeve a cor local ou não lhe dá atenção. Esse desdém indica um sentido novo do romance histórico. Esse desdém condena inapelavelmente *Salammbô*.

Não menos assombroso é considerar capítulos isolados. Por exemplo, examinemos o xxxviii da primeira parte, que “trata do curioso discurso que fez Dom Quixote sobre as armas e as letras”. É sabido que Dom Quixote (como Quevedo em passagem análoga, e posterior, de *La hora de todos*) julga o pleito contra as letras e em favor das armas. Cervantes era um velho militar: seu julgamento se explica. Mas que o Dom Quixote de Pierre Menard — homem contemporâneo de *La trahison des clercs* e de Bertrand Russell — reincida nessas nebulosas sofisticarias! Madame Bachelier viu nelas uma admirável e típica subordinação do autor à psicologia do herói; outros (de maneira nada perspicaz), uma *transcrição* do *Quixote*; a baronesa de Bacourt, a influência de Nietzsche. A essa terceira interpretação (que reputo irrefutável) não sei se me atreverei a acrescentar uma quarta, que condiz muito bem com a quase divina modestia de Pierre Menard: seu hábito resignado ou irônico de propagar idéias que eram o estrito reverso das que preferia. (Rememoremos outra vez sua diatribe contra Paul Valéry na efêmera folha surrealista de Jacques Reboul.) O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico. (Mais ambíguo, dirão seus detratores; mas a ambigüidade é uma riqueza.)

É uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, capítulo IX):

... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

Redigida no século xvii, redigida pelo “*ingenio lego*”^{*} Cervantes, essa enumeração é um mero elogio retórico da história. Menard, em contrapartida, escreve:

... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

A história, *mãe* da verdade; a idéia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como uma indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. As cláusulas finais — “exemplo e aviso do presente, advertência do futuro” — são descaradamente pragmáticas. Também é vívido o contraste dos estilos. O estilo arcaizante de Menard — estrangeiro, afinal — padece de alguma afetação. Não assim o do precursor, que maneja com desemfado o espanhol corrente de sua época.

Não há exercício intelectual que não seja afinal inútil. Uma doutrina filosófica é no início uma descrição verossímil do universo; passam os anos e é um mero capítulo — quando não um parágrafo ou um nome — da história da filosofia. Na literatura, essa caducidade final é mesmo mais notória. “O *Quixote*”, disse-me Menard, “foi antes de tudo um livro agradável; agora é uma ocasião para brindes patrióticos, soberba gramatical, obscenas edições de luxo. A glória é uma incompreensão e, quem sabe, a pior delas.”

* “Gênio ignorante”: expressão da época, com que foi designado Cervantes, cuja formação intelectual é motivo de dúvidas.

Nada têm de novo essas comprovações niilistas; singular é a decisão que delas derivou Pierre Menard. Resolveu adiantar-se à vaidade que aguarda todas as fadigas do homem; empreendeu uma tarefa complexíssima e de antemão fútil. Dedicou seus escrúpulos e vigílias a repetir num idioma alheio um livro preexistente. Multiplicou os rascunhos; corrigiu tenazmente e rasgou milhares de páginas manuscritas.³ Não permitiu que ninguém as examinasse e cuidou de que não lhe sobrevivessem. Em vão procurei reconstruí-las.

Refleti que é lícito ver no *Quixote* “final” uma espécie de palimpsesto, no qual devem transparecer os traços — tênues mas não indecifráveis — da escrita “prévia” de nosso amigo. Infelizmente, apenas um segundo Pierre Menard, invertendo o trabalho do anterior, poderia exumar e ressuscitar essas Tróias...

“Pensar, analisar, inventar [escreveu-me também] não são atos anômalos, são a respiração normal da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédula estupefação o que o *doctor universalis* pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. Todo homem deve ser capaz de todas as idéias e entendo que no futuro será.”

Menard (talvez sem querer) enriqueceu mediante uma técnica nova a arte detida e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas.

3 Lembro-me de seus cadernos quadriculados, das negras rasuras, dos peculiares símbolos tipográficos e da letra de inseto. No cair da tarde ele gostava de caminhar pelos arrabaldes de Nîmes; costumava levar consigo um caderno e fazer uma alegre fogueira.

Essa técnica de aplicação infinita nos insta a percorrer a *Odisséia* como se fosse posterior à *Eneida* e o livro *Le jardin du Centaure* de madame Henri Bachelier como se fosse de madame Henri Bachelier. Essa técnica povoa de aventura os livros mais pacatos. Atribuir a Louis-Ferdinand Céline ou a James Joyce a *Imitação de Cristo* não será uma renovação suficiente desses tênues conselhos espirituais?

Nîmes, 1939